

KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Por uma história da Amazônia



Urna funerária da cultura marajoara
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marajoaras>



KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

**Material didático criado e organizado ao longo das aulas na Disciplina
- *Ensino de História: Teoria e Prática - 2023***

Professora:

Prof.^a Dr.^a. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitora:

Lorena Sayuri Nakashima

Estudantes

Luis Felipe Tovo Machado

Osmar de Rossi Filho

Paulo Ignácio Barreto de Lima

Pedro Novas da Cunha Figueiredo

Pedro Paulo Yuji Takayassu

Funcionário Administrativo:

Marcos Antonio de Oliveira



**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2023**

LISTA DE DOCUMENTOS

1a. Vasos Santarém. À esquerda, caso de cariátides (altura de 18 cm) e à direita vaso de gargalo (altura 21 cm). Acervo MAE-USP. Fotos: Wagner Silva.”. ROSTAIN, Stéphen. **Antes de Orellana:** actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, 2014, p. 496.



1b. Vaso Santarém (achado entre os séculos XIII-XVI). Encontrado em: <https://br.pinterest.com/pin/571253533977064381/>. Acesso em 04/07/2023.

1c. Urna Funerária Marajoara (achadas entre os séculos V-XV), foto de Marcele Rollim. Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Urna-funeraria-Marajoara-estilo-Joanes-Pintado-Acervo-do-Museu-Paraense_fig4_346876477. Acesso em 04/07/2023.



1d. Mapa da Ilha de Marajó e de Santarém. Encontrado em: <https://br.pinterest.com/pin/441986150910515569/>. Acesso em 03/07/2023.



2. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “**História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal**”. E. & H. Laemmert: Rio de Janeiro, 1877, *trechos selecionados*.

LISTA DE DOCUMENTOS

3. VON MARTIUS, Karl Friedrich e RODRIGUES, José Honório. Como Se Deve Escrever a História Do Brasil. **Revista de Historia de América**, no. 42, 1956, p. 433-458. In: <<http://www.jstor.org/stable/20137096>>. Acesso em 05/07/23.



4. VON MARTIUS, Carlos Frederico Philippe. “**O estado do Direito entre os Autochtones do Brazil**”. In: *Revista do Instituto Historico e Geográfico de São Paulo*, v. XI, São Paulo: Typographia do Diario Official, 1907, p. 23-24.

5. POMBO, Rocha. “**História do Brasil**”, 7º edição, 1956.

6. História, vários autores. Secretaria Estadual de Educação do Paraná, 2006.

7. História indígena. Comissão Pró-Índio do Acre, 1996.

8. DESCOLA, Philippe. “**A selvageria culta**”. In: *A outra margem do Ocidente*. (org.: Aduauto Novaes). São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 114-116.

9. ROOSEVELT, Anna Curtenius. “**Arqueologia Amazônica**”. In: *História dos índios no Brasil*. (org.: Manuela Carneiro da Cunha). 2ed. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp. 1998, p. 71.

LISTA DE DOCUMENTOS

10. NEVES, Eduardo Góes. **“A Amazônia sob o signo da incompletude”**. In: *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 2022, p. 183-184.

11. NEVES, Eduardo Góes. **“O começo” e “A Amazônia sob o signo da incompletude”**. In: *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 2022, p. 78, 188-189.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

O presente kit didático pretende confrontar diferentes perspectivas acerca da região amazônica e de suas populações indígenas históricas com o objetivo de apresentar aos alunos a existência da história e cultura dessas populações mesmo antes da chegada dos europeus ao continente. Para tal, propõe-se a análise de diversas fontes primárias (arqueológicas e documentais) e secundárias (historiografia) que compreendem a produção material e a cultura de povos amazônicos, perspectivas historiográficas europeizantes do séculos XIX e XX e revisões mais críticas de uma literatura contemporânea que rompe com a ótica tradicional que desconsiderou a existência e a agência histórica desses povos autóctones.

Durante séculos, a história indígena foi tratada como "pré-história", um período "não representável" pela ausência de elementos culturais, literais e gráficos assimiláveis à ótica eurocêntrica. No Brasil, tal fato se deve às tradições historiográficas forjadas pelo positivismo que só enxergavam os documentos oficiais como válidos. Por essa razão, até nos dias de hoje, temos dificuldades em assimilar aspectos culturais indígenas como parte de uma tradição legítima de nosso passado.

A fim de quebrar certos estigmas, começaremos o kit didático introduzindo aos docentes e aos alunos imagens de artefatos amazônicos anteriores a 1500 - bem como, questionamentos sobre os mesmos. O intuito é demonstrar que havia história em nosso território antes da chamada "história oficial". Posteriormente, trabalharemos com textos de livros didáticos e historiográficos que reforçam esteriótipos negativos sobre os indígenas no Brasil. O interesse é fazer com que as afirmações pejorativas como " índios são selvagens" sejam confrontadas com as fontes artesanais apresentadas anteriormente. Na sequência, utilizaremos livros didáticos e historiográficos que apresentem a visão indígena dos fatos históricos.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Tanto os textos como as perguntas serão feitas com a intenção de confrontar as visões preconceituosas que permeiam o imaginário sobre os povos originários. Na quarta e última parte, abordaremos a cosmovisão indígena através de textos referenciais, a fim de enfatizar que as raízes dos povos nativos do Brasil são tão importantes como as dos povos que chegaram posteriormente.

PROPOSTA DIDÁTICA

1) Leia os documentos **1a**, **1b**, **1c** e **1d**, que se tratam de imagens de materiais achados em sítios arqueológicos e um mapa dos locais em que eles foram encontrados. Após isso, procure responder as questões abaixo.

- a) O que você imagina que sejam os materiais vistos nas imagens? Para que eles serviriam?
- b) Descreva os aspectos destes materiais: tamanho, cor e detalhes desenhados neles.
- c) Quem você acha que produziu os materiais vistos nas imagens?
- d) O que você acha que seria necessário para produzir materiais como estes? Quanto tempo? São necessárias ferramentas? Quantas pessoas?
- e) Com base na resposta da pergunta anterior, você acha que estes conhecimentos poderiam ser transmitidos de geração em geração? Justifique.
- f) Observe as legendas dos documentos. Quando e onde foram produzidos os objetos apresentados?
- g) O que a produção artística destes objetos teria a dizer sobre as pessoas que os produziram?
- h) Retome sua resposta na pergunta 4. É possível inferir que seria necessário uma sociedade relativamente organizada para a produção de tais obras? Justifique.

PROPOSTA DIDÁTICA

- i) Pense brevemente nas diferentes formas de manifestação cultural com as quais você tem contato no dia-a-dia e, depois, retome os objetos apresentados. Você acha que esses objetos, suas funções e a possível transmissão deles de geração para geração indicam a existência de uma vida cultural? Justifique.
- j) Retomando as respostas das últimas três perguntas, seria possível afirmar a existência de uma história para as pessoas que produziram esses objetos? Por quê?

2) O texto do documento 2 foi escrito no século XIX. Leia e responda às perguntas a seguir de acordo com as instruções apresentadas.

2.1) Leia o título do texto. Sobre qual território o autor escreve?

2.2) Leia o primeiro parágrafo.

- a) De acordo com o autor, como eram as povoações do território abordado?
- b) A povoação seria abundante ou escassa, na visão de Varnhagen?
- c) Quem seriam os “primeiros colonos exploradores” mencionados no texto?
- d) Qual a comparação que o autor faz entre a população do território na época de chegada dos “primeiros colonos” em relação ao momento de escrita do documento? Quantos “índios” teriam habitado esse território antes da colonização?

PROPOSTA DIDÁTICA

- e) Varnhagen considera que houve uso da terra antes da chegada dos colonos? Transcreva um trecho que fundamente sua resposta.
- f) Quem seriam esses “milhões de braços vindos de África”?

2.3) Leia os parágrafos 2 e 3.

- a) Cite as principais características que o autor destaca sobre os povos nativos no Brasil.
- b) No segundo parágrafo, é possível afirmar que o autor traça uma identidade geral para os povos nativos? Com base em quais critérios?
- c) Dentro dessa suposta identidade, o autor aponta que os “ocupantes das beiras do alto Amazonas” eram os mais civilizados. Quais aspectos desses “ocupantes” fariam o autor enxergá-los como “mais civilizados”?
- d) Quais são os significados atribuídos pelo autor aos nomes das tribos citadas (*Purús*, *Kairirís* e *Curúmará*)? No texto, essas características carregam impressões negativas ou positivas?

2.4) Leia o parágrafo 4 e responda às seguintes perguntas.

- a) De acordo com Varnhagen, como era a organização política e territorial dos Tupis? Identifique trechos que expressam tal posição.
- b) Essa organização seria, pela descrição apresentada no texto, semelhante à que existia no Peru? Explique.
- c) Quais seriam as características dos Tupis que explicariam, na visão do autor, a maneira como eles se organizam e a existência ou não de um poder político?

PROPOSTA DIDÁTICA

- d) E quais seriam as características que os povos do Peru possuiriam que os teriam levado a se organizar politicamente?
- e) É possível dizer que, na visão do autor, tanto os Tupis quanto os peruanos são seres sociais? Ou seriam somente seres naturais?
- f) Quais seriam os efeitos dessas características para os povos indígenas e para o território analisado?
- g) Esses efeitos se concretizaram? Por que?

2.5) Leia o último parágrafo do texto 1.

- a) De acordo com o texto, havia civilização no Brasil antes da chegada dos portugueses? Cite dois termos usados para descrever o "estado" do Brasil antes desse momento.
- b) Como o autor define os povos observados?
- c) Existiria uma história própria a eles?
- d) Qual a relação entre tal juízo e as considerações feitas pelo autor sobre a condição dos povos Tupis no parágrafo 4?

3) Leia o trecho escrito por Carl Friedrich von Martius e responda às questões. Tente manter em mente as discussões apresentadas nas questões anteriores.

- a) Para Martius, qual a origem da nação brasileira em relação aos povos que a compõem?
- b) Seriam esses povos iguais entre si? Por conta de que aspectos?

PROPOSTA DIDÁTICA

- c) Martius atribui a essa origem alguma vontade ou razão?
- d) Existe alguma relação de hierarquia entre as diferentes partes que formam a nação brasileira? Identifique um trecho do texto que sustente sua resposta.
- e) Retome as respostas sobre o texto de Varnhagen. Para esses autores, quando começaria e quem lideraria a construção da História do Brasil?

4) Leia o documento 3.

- a) Quais descrições Von Martius faz a respeito dos povos indígenas brasileiros e suas línguas e culturas?
- b) O que o uso do termo “confusão babylonica” o autor se direciona?
- c) Segundo Von Martius, qual teria sido o destino das manifestações do passado dos povos indígenas? Qual delas, para ele, teria maior destaque?
- d) Quais os referenciais de grandeza do autor?
- e) Como Von Martius enxerga as populações indígenas não desapareceram?
- f) A quem o autor se refere como “descobridores do Brazil”? O processo de desaparecimento dos antigos povos indígenas se deu antes ou depois da aparição desses “descobridores”?
- g) Este desaparecimento se deu antes ou depois da chegada dos “descobridores do Brazil”?

PROPOSTA DIDÁTICA

- h) Além das populações indígenas remanescentes, segundo o autor, o que mais conseguiu sobreviver, como “testemunho” da alta antiguidade?
- i) Quais fatores, na perspectiva de Von Martius, trariam as populações indígenas remanescentes o “cunho de uma degeneração”?

5) Leia o documento 4.

- a) Como os indígenas são retratados no documento?
- b) Qual ideia é reforçada pelo autor quando ele escreve: “encontraram os portugueses uma gente em pleno estado de selvajaria”?
- c) Comente a frase do documento 01 “toda a terra estava ocupada por populações que pareciam da mesma raça”.

6) Leia o documento 6.

- a) Descreva o documento e apresente suas características?
- b) “Quando os portugueses iniciaram a exploração do Brasil, no início do século XVI, havia, aqui, mais de 5 milhões de indígenas divididos em várias etnias com usos e costumes diferentes” Considerando que já havia uma ocupação do território anterior a 1500, por que se afirma que os portugueses “descobriram” o Brasil? Existe sentido nessa afirmação?
- c) Como a questão da exploração das terras pelos portugueses é descrita no documento? O que ocorreu com as populações indígenas após o início dessa exploração?

PROPOSTA DIDÁTICA

- d) Quem é o protagonista da ação na escrita da narrativa? Quem aparece em um lugar de passividade?

7) Leia o documento 7.

- a) Descreva o documento e apresente suas características, explicita e note a autoria do texto.
- b) “Dizem os livros que o descobrimento do Brasil começou com a chegada dos portugueses em 1500. Dizem também que, neste tempo, havia cerca de 5 milhões de índios morando aqui nessas terras.” Por que o documento 8 utiliza a palavra “Dizem” ao longo do texto? Qual ideia essa palavra enfatiza?
- c) “Os povos indígenas fazem parte da história do Brasil. Para quem lembra a verdade do passado, os índios já estavam aqui neste território antes de 1500”. Qual ideia é reforçada nesse trecho do documento 7?
- d) “Hoje, muitos povos estão lutando para conseguir o direito de morar na terra que já foi deles”. Qual a relação é possível estabelecer entre a exploração de terras, descrita tanto no documento 6 como no documento 7, e a luta de indígenas por terra no século XXI?

8) Leia o documento 8.

- a) Quem seriam os “ameríndios” citados no documento? Com quem ou que eles estabeleceram uma relação?

PROPOSTA DIDÁTICA

- b) Como seria a relação entre natureza e ameríndios, com base no que Descola aponta como orientado em “antiquíssimos preconceitos”?
- c) O que caracterizaria uma “natureza virgem”?
- d) A quem ou que Descola se refere com o uso do termo “ocidental”?
- e) Conforme tratado no documento, como seria, de fato, a relação entre ameríndios e a natureza? Como a “fragilidade dos diversos ecossistemas amazônicos” influenciaria essa relação?
- f) O documento apresenta um contraste entre uma natureza de característica “natural” e outra como “produto cultural”. Neste contexto, o que diferencia o “natural” do “cultural”?

9) Leia o documento 9.

- a) Qual é o espaço geográfico descrito no documento?
- b) O documento fala em “cacicados”. Descreva algumas de suas características.
- c) Qual razão, apresentada no texto, teria causado o fim destes cacicados?
- d) O documento aponta para a existência de “muitos milhares de pessoas” habitando nestes cacicados. Existiria alguma relação entre a forma de organização social deles e uma capacidade de sustentar muitos habitantes? Comente.

PROPOSTA DIDÁTICA

e) Anna Roosevelt apresenta estes cacicados como “sociedades complexas”. Dentro da lógica interna no texto, qual seria o fator determinante na caracterização de uma sociedade como “complexa”? Existiria alguma formação social semelhante nos dias atuais?

10) Leia o documento 10.

- a) No começo do documento, quais são as localidades colocadas em comparação?
- b) Quais seriam as matérias-primas utilizadas para construções nestas localidades?
- c) O que seriam “estruturas artificiais” e o que dificultaria sua identificação na Amazônia?
- d) Neves descreve uma série de fatores que teriam influenciado as populações indígenas na Amazônia por séculos (desde o século XVI até o XX); entre eles, o “crescimento da floresta sobre áreas previamente habitadas”. Este fator, em específico, seria exclusivamente oriundo da ação natural ou teria relação com as ações de seres humanos?
- e) Como estes fatores citados influenciariam o trabalho arqueológico na procura de evidências das populações amazônicas antigas?
- f) Por que Neves aponta para a adoção de um modo de vida nômade e disperso pela floresta, por parte das populações indígenas, como uma adaptação à “condições históricas”? No que elas seriam diferentes de “condições ecológicas”?

PROPOSTA DIDÁTICA

11) Leia o documento 11.

- a) De acordo com o documento, o que poderia ser entendido como Estado?
- b) Qual seria o significado da expressão “o caminho natural da história humana”, ao se referir a “emergência do Estado”?
- c) Partindo da perspectiva tratada anteriormente, de uma “naturalidade” da “emergência do Estado”, o que esta ideia induz a pensar acerca de sociedades que não constituem/constituíram um Estado?
- d) Por que, para Clastres, as políticas ameríndias seriam “contra o Estado”? Qual seria o sentido de usar o termo “políticas ameríndias” nesta afirmação?
- e) Partindo da proposta de que os ameríndios teriam políticas “contra o Estado”, como poderia ser interpretada a afirmação de que essas formações sociais hierarquizadas e centralizadas de indígenas teriam, em uma perspectiva de longo prazo, tendências à fragmentação/dissolução, mesmo antes da conquista europeia?
- f) O que implicaria a afirmação arqueológica de que não existiria, historicamente, nenhuma barreira natural para as populações indígenas quanto à ocupação na Amazônia, bem como à inovação e à invenção?
- g) Partindo das observações de Neves, considerando a ausência de impeditivos naturais, como a utilização e o eventual abandono de certas técnicas/instrumentos pelos povos amazônicos estaria relacionado com as políticas “contra o Estado” dos indígenas?
- h) Qual a diferença entre as perspectivas apresentadas no **documento 9** (de Anna Roosevelt) e o **documento 11** (de Eduardo Neves)?
- i) Eduardo Neves é autor dos textos correspondentes aos **documentos 10 e 11**. Como as ideias destes documentos se relacionam?

DOCUMENTO 1a



Fonte:“Vasos Santarém. À esquerda, caso de cariátides (altura de 18 cm) e à direita vaso de gargalo (altura 21 cm). Acervo MAE-USP. Fotos: Wagner Silva.”. ROSTAIN, Stéphen. **Antes de Orellana:** actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, 2014, p. 496.

DOCUMENTO 1b



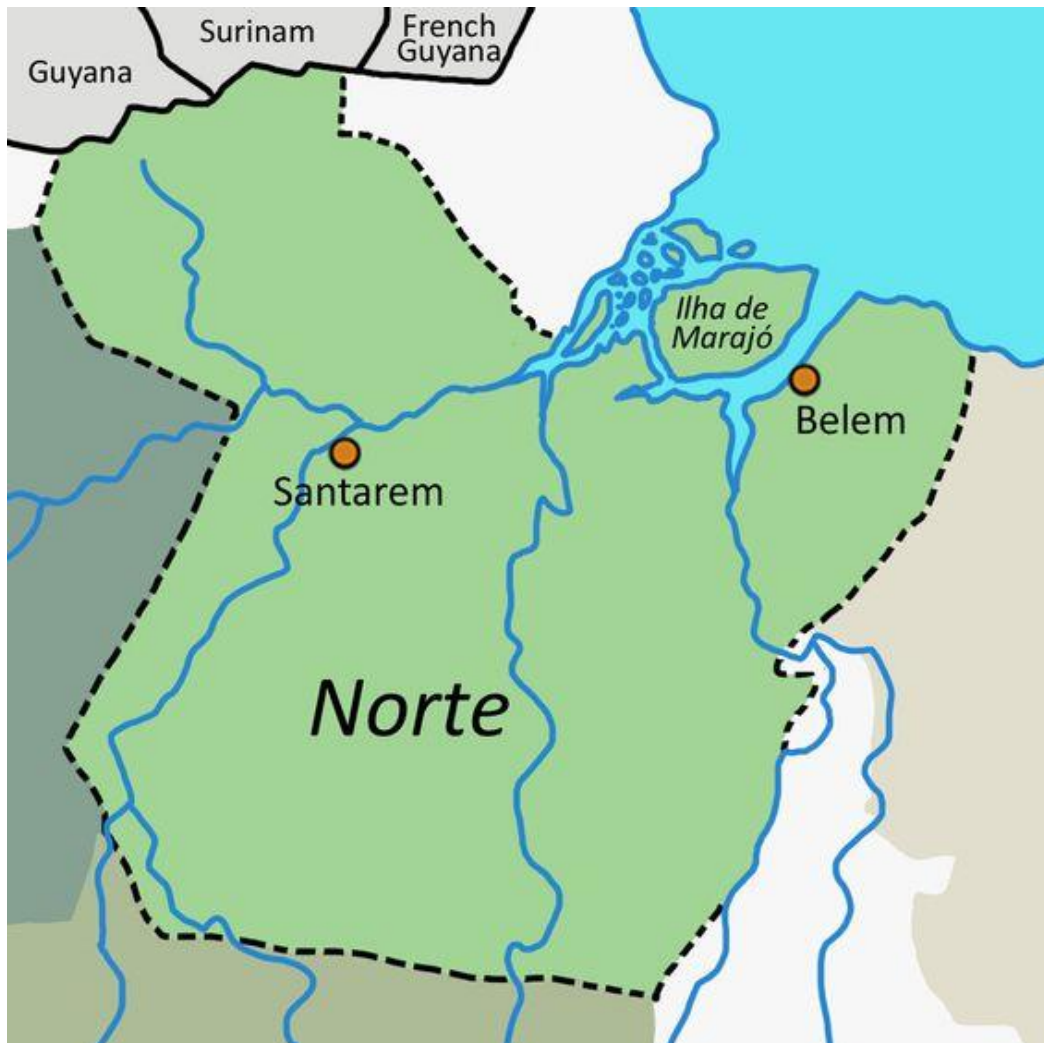
Fonte: Vaso Santarém (achado entre os séculos XIII-XVI). Encontrado em: <https://br.pinterest.com/pin/571253533977064381/>. Acesso em 04/07/2023.

DOCUMENTO 1c



Fonte: Urna Funerária Marajoara (achadas entre os séculos V-XV), foto de Marcelo Rollim. Fonte: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Urna-funeraria-Marajoara-estilo-Joanes-Pintado-Acervo-do-Museu-Paraense_fig4_346876477>. Acesso em 04/07/2023.

DOCUMENTO 1d



Fonte: Mapa da Ilha de Marajó e de Santarém. Encontrado em: <https://br.pinterest.com/pin/441986150910515569/>. Acesso em 03/07/2023.

DOCUMENTO 2

“Por toda a extensão que deixamos descripta não havia povoações fixas e que descobrissem em seus habitantes visos de habitação permanente. As aldeias se construían de modo que apenas duravam uns quatro annos. No fim delles, os esteios estavam podres, a palma dos tectos ja os não cobria, a caça dos contornos estava espantada; e, se a tribu ou cabilda era agricultora, as terras em grande distância pelo arredor estavam todas roteadas e cançadas, pelo que era obrigada a mudar de residência. Os logares das aldeas abandonadas se ficavam denominando *taperas*. Taes aldeias não eram em grande número; e muitas cabildas, nem se quer em povoações provisórias se juntavam; pelo que o paiz vinha a estar mui pouco povoado. Se nos lembramos de que, em certas paragens, os primeiros colonos exploradores atravessavam extensões de caminho de quarenta e cincoenta leguas, sem encontrar gente, e se estudamos o que ainda hoje passa nesses logares onde o gentio, perseguido de várias partes, se acardumou; e ponderamos quanto tem crescido, à vista d'olhos, tantas povoações e cidades, á medida que ha três séculos progride a cultura da terra, com os milhões de braços vindos d'África, cremos que não andam errados os que, como nós, ajuizam que toda a extensão do Brazil está hoje oito ou dez tantos mais povoada do que no tempo em que se começou a colonisação; e que por conseguinte nem chegariam a um milhão os índios que percorriam nessa epocha este vasto território [...].

Essas gentes vagabundas, que, guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do Brazil, eram pela maior parte verdadeiras emanações de uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma origem commum, e falavam dialectos da mesma lingua, que os primeiros colonos do Brazil chamaram geral, e era a mais espalhada das principaes de todo este continente. [...]

De todos os antigos habitantes dos territorios que hoje constituem o Brazil, eram estes occupantes das beiras do alto Amazonas, de raça inteiramente estranha aos outros, dos mais civilizados; apesar do uso de se achatarem, em crianças, as cabeças, ficando "parecidas a mitras de bispos". Eram idolatras: vestiam especie de ponchos, usavam por armas de palhetas ou estolicas e esgaravatanas, e ensinaram no Amazonas a extracção e fabrico da gomma elastica. *Purús* ou *Pwris*, como vemos appellidar uma cambada do alto Amazonas, e também uns hoje no littoral ao sul da Bahia, e outros que (em 1645) havia em Taubaté, não quer dizer senão

DOCUMENTO 2

Antropophagos, da mesma fôrma que *Kairirîs* queria significar "Os Tristonhos". O nome de *Curúmará* nos denunciava que a praga da sarna assolava os desgraçados que o levavam. Chamavam-lhes os seus vizinhos, como nós lhes chamaríamos, mui singelamente, Sarnentos.

[...]

Divididos pois os Tupis em cabildas insignificantes que umas ás outras se evitavam, quando não se guerreavam, apenas podiam acudir aos interesses dictados pelo instinto da conservação vital; e, n'uma tão grande extensão de territorio, não apparecia um só chefe que estabelecesse um centro poderoso, como havia no Perú, cuja aristocracia, livre de cuidar só em resguardar-se das intemperies e em adquirir diariamente o necessario alimento, podesse pensar no bem dos seus semelhantes, apaziguando as suas contendas, e civilizando-os com o exemplo, e servindo-lhes de estímulo, para se distinguirem, e procurarem elevar-se. Assim taes rixas perpetuariam neste abençoado solo a anarchia selvagem, ou viriam a deixal-o sem população, se a Providencia Divina não tivesse accudido a dispor que o christianismo viesse ter mão a tão triste e degradante estado!

[...]

Para fazermos porêem melhor idéa da mudança occasionada pelo influxo do christianismo e da civilisação, procuraremos dar uma notícia mais especificada da situação em que foram encontradas as gentes que habitavam o Brazil; isto é, uma idéa de seu estado, não podemos dizer de civilisação, mas de barbarie e de atrazo. -De taes povos na infancia não ha historia: ha só ethnographia".

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. "**História geral do Brazil antes de sua separação e independência de Portugal**". E. & H. Laemmert: Rio de Janeiro, 1877, *trechos selecionados*.

DOCUMENTO 3

“Cousa semelhante, e talvez ainda mais importante se propõe o gênio da história, confundindo não somente povos da mesma raça, mas até raças inteiramente diversas por suas individualidades, e índole moral e física particular, para delas formar uma nação nova e maravilhosamente organizada. Jamais nos será permitido duvidar que a vontade da Providência predestinou ao Brasil esta mescla. O sangue português, em um poderoso rio deverá absorver pequenos confluente das raças índia e etiópica.”

VON MARTIUS, Karl Friedrich e RODRIGUES, José Honório. Como Se Deve Escrever a História Do Brasil. **Revista de Historia de América**, no. 42, 1956, p. 433-458. In: <http://www.jstor.org/stable/20137096>. Acesso em 05/07/23.

DOCUMENTO 4

“Por isso, as divisões dos autochtones* brasileiros, pelas suas diversas denominações não são de valor idêntico. Muitas dellas são de povos inteiramente separados pela língua e certos costumes; outras designam apenas tribus que se diferenciam por dialectos, ou hordas de origem mixta que crearam uma lingua analoga a esta sua formação, e, finalmente, podem ser apenas familias destacadas que por uma longa separação, adulturaram e transformaram até torna-la irreconhecivel a sua lingua primitiva, tendo-a amalgamado com uma nova por elles formada.

(...) O passado remoto da humanidade americana apresenta-se-nos como um abismo insondavel. Nenhum raio de uma tradição, nenhum monumento de força intellectual anterior esclarece essa escuridão profunda, nenhum som de uma humanidade elevada, nenhum echo e nenhuma elegia** escapa deste tumulto para chegar aos nossos ouvidos atentos. Millennios sem resultado passaram por esta humanidade e o único testemunho da sua alta antiguidade é exactamente esta completa dissolução, esta fragmentação total de tudo quanto estamos acostumados a saudar, como energia vital de um povo, representada ahi pela ruina absoluta. Nem ao menos o singelo e modesto musgo que como um simbolo da melancholia cobre as ruinas das grandezas antigas romanas e germanicas se estendeu sobre os restos daquela antiguidade sul-americana: - ahi (como por exemplo em Papantla***) escuras e antigas mattas virgens esconderam debaixo do humus e dos detricos mortos os monumentos dos povos de há muito desaparecidos e tudo que a mão do homem de outrora creára está coberto por camadas de uma decomposição incalculavel. A propria raça que desde tempos imemoriaes se salvára deste desaparecimento, traz agora, na sua infantil velhice, o cunho de uma degeneração continuada por millennios.

A propria raça que desde tempos immemoriaes se salvára deste desaparecimento, traz agora, na sua infantil velhice, o cunho de uma degeneração continuada por millennios.

Foi em tal estado que os descobridores do Brazil os encontraram. (...)

VON MARTIUS, Carlos Frederico Philippe. “**O estado do Direito entre os Autochtones do Brazil**”. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, v. XI, São Paulo: Typographia do Diario Official, 1907, p. 23-24.

* Autóctone: que ou quem é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram; aborígene, indígena.

** Poema ou poesia, de origem grega, composta como música, caracterizada pelo lamento, melancolia e pranto pela morte - geralmente apresentada em funerais.

*** Cidade mexicana, no Estado de Veracruz, conhecida por sítios arqueológicos e pela tradição indígena Totonaca.

DOCUMENTO 5

Encontraram os portugueses uma gente em pleno estado de selvajaria; e as expedições subsequentes à de Cabral reconheceram que toda a terra estava ocupada por populações que pareciam da mesma raça.

[...] Quanto às origens de tais elementos e a sua entrada na América, há várias tradições cujo valor está ainda por apurar.

POMBO, Rocha. "**História do Brasil**", 7ª edição, 1956.

DOCUMENTO 6

“Quando os portugueses iniciaram a exploração do Brasil, no início do século XVI, havia, aqui, mais de 5 milhões de indígenas divididos em várias etnias com usos e costumes diferentes.

[...] Além da apropriação e exploração dessas novas terras pelos europeus, ocorreu um processo que levou a destruição de várias etnias indígenas, eliminação de aldeias inteiras por meio de matança, escravização e doenças, além da formação de um organizado sistema comercial que foi montado em todo continente ao longo do domínio colonizador”.

História, vários autores – Secretaria Estadual de Educação do Paraná, 2006.

DOCUMENTO 7

“Dizem os livros que o descobrimento do Brasil começou com a chegada dos portugueses em 1500. Dizem também que, neste tempo, havia cerca de 5 milhões de índios morando aqui nessas terras. Por causa de sua grande ambição por riquezas, os portugueses foram tomando os territórios tradicionais indígenas. Eles fizeram correrias e mataram muitos índios. Trouxeram muitas doenças desconhecidas.

[...] Os povos indígenas fazem parte da história do Brasil. Para quem lembra a verdade do passado, os índios já estavam aqui neste território antes de 1500. Hoje, muitos povos estão lutando para conseguir o direito de morar na terra que já foi deles”.

História indígena – Comissão Pró-Índio do Acre, 1996.

DOCUMENTO 8

“Conquanto formuladas agora na linguagem científica da ecologia ou da biologia, tais proposições lembram muito, como se vê, os antiquíssimos preconceitos que faziam dos ameríndios apêndices impotentes de um ambiente ingrato ou joguetes inconscientes de uma natureza animal. Ora, a realidade é muito diferente, porque o ambiente que os ameríndios percebem e utilizam tem muito poucas relações com esse paradigma da natureza impiedosa ou benevolente que costumamos ver na floresta tropical.

Começemos por recordar que a fisionomia atual da floresta amazônica é em parte resultado de vários milênios de ocupação humana, que a transformaram profundamente; produzida pelos ameríndios ao cabo de uma longa elaboração cultural, essa natureza só é virgem na imaginação ocidental.

[...]

Nessa região, portanto, a natureza é na verdade muito pouco natural, podendo ao contrário ser considerada o produto cultural de uma manipulação muito antiga da fauna e da flora. Embora sejam invisíveis para um observador desprevenido, as consequências dessa antropização* estão longe de ser desprezíveis, (...).

[...]

Lembremos igualmente, como se ainda fosse necessário, que as populações indígenas da Amazônia e das Guianas souberam pôr em prática estratégias de uso dos recursos que, se transformavam de maneira duradoura seu ambiente natural, não subvertiam com isso seus princípios de funcionamento nem punham em risco suas condições de reprodução. Os estudos de ecologia e de etnoecologia** realizados nos últimos trinta anos mostraram ao mesmo tempo a fragilidade dos diversos ecossistemas amazônicos e a diversidade e extensão dos saberes e das técnicas desenvolvidos pelos ameríndios para tirar partido de seu ambiente e adaptá-lo às suas necessidades”.

DESCOLA, Philippe. “**A selvageria culta**”. In: *A outra margem do Ocidente*. (org.: Aduino Novaes). São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 114-116.

* Ação do ser humano sobre o meio ambiente; a ação, o ato ou o resultado da atuação humana sobre a natureza.

** Estudo científico de como diferentes grupos de pessoas que vivem em diferentes locais entendem os ecossistemas ao seu redor e suas relações com os ambientes circundantes.

DOCUMENTO 9

“A arqueologia pré-histórica antiga e os dados históricos mais recentes revelam a presença destas sociedades complexas, todas ao longo das várzeas dos rios Amazonas e Orenoco e nos contrafortes das costas andinas e caribenhas. Estes extensos domínios abrangiam dezenas de milhares de quilômetros quadrados, sendo unificados sob chefes supremos. Os cacicados eram belicosos* e expansionistas, com organização social hierárquica, mantida por tributos e por um modo de subsistência baseado na colheita intensiva de roças e fauna aquática. O artesanato era altamente desenvolvido para cerimoniais e comércio, manifestando estilos artísticos bastante difundidos, baseados em imagens humanas, além dos motivos** mais antigos de animais e formas geométricas. Havia um igualmente bem difundido culto de urnas funerárias e adoração dos corpos e ídolos dos ancestrais dos chefes. A população era densamente agregada ao longo das várzeas e alguns sítios eram ocupados por muitos milhares de pessoas. Havia obras de terraplanagem em larga escala para o controle da água, agricultura, habitação, transporte e defesa. Em um ou dois séculos de conquista, entretanto, as sociedades complexas e suas populações desapareceram completamente.”

ROOSEVELT, Anna Curtenius. “**Arqueologia Amazônica**”. In: *História dos Índios no Brasil*. (org.: Manuela Carneiro da Cunha). 2ed. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp. 1998, p. 71.

* Que gosta da guerra; que participa de guerras por ofício, prazer ou vocação; belígero.

** Motivo (do latim *motivus*, relativo a movimento) é uma imagem ou desenho recorrente que estabelece um padrão.

DOCUMENTO 10

“(…), ao contrário de outras partes do Novo Mundo, como os Andes e a Mesoamérica, afloramentos rochosos são relativamente raros na Amazônia, principalmente ao longo das planícies aluviais do rio Amazonas e seus principais afluentes. Assim, o solo foi a principal matéria-prima utilizada pelos povos antigos da Amazônia para erguer as estruturas de suas construções, seus canais de irrigação, seus locais de culto religioso. É muito difícil, para os olhos de quem não é treinado, diferenciar estruturas artificiais construídas com solo – por exemplo, aterros – de formações naturais. Essa dificuldade aumenta ainda mais se tais estruturas estiverem recobertas por floresta.

Arqueólogas e arqueólogos que trabalham na Amazônia sabem que o quadro construído por cientistas pioneiros desde o século XVIII até meados do século XX resulta dessa combinação de fatores: populações locais exterminadas pela propagação de doenças e pela guerra nos séculos XVI e XVII, crescimento da floresta sobre áreas previamente habitadas, no século XVII e XVIII, encobrendo estruturas de terra e outros sinais de presença humana, e, para culminar, o ciclo da borracha no fim do século XIX e início do XX, uma época extremamente penosa para os povos indígenas da Amazônia, que em muitos casos foram utilizados como mão de obra escrava, quando não eram mortos. Era, portanto, natural que alguns desses povos adotassem o modo de vida nômade e disperso pela floresta, descrito pelos cientistas da época. Este parece ter sido uma adaptação mais às condições históricas do momento que às condições ecológicas da Amazônia.”

NEVES, Eduardo Góes. “**A Amazônia sob o signo da incompletude**”. In: *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 2022, p. 183-184.

DOCUMENTO 11

“(…), nas décadas de 1960 e 1970, o genial Pierre Clastres ([1974] 2017) elaborou uma obra inovadora que contribuiu para uma crítica à ideia de que a emergência do Estado seria o caminho natural da história humana e que as sociedades que não tivessem alcançado tal estágio seriam relíquias, no presente, de formas rudimentares de organização política ou, pior, manifestações de processos adaptativos resultantes de limitações ambientais. Clastres inverteu o argumento e deu um sentido positivo à ausência do Estado, ao notar a existência, entre povos das terras baixas, de políticas internas cuja dinâmica limitava a possibilidade de emergência e reprodução de formas de centralização política permanente e institucionalizada entre esses grupos. Para ele, as políticas ameríndias eram “contra o Estado”.

[...]

Quando estudadas, no entanto, numa perspectiva de história de longo prazo como a aqui proposta, verifica-se que essas formações sociais hierarquizadas e centralizadas tinham uma tendência à fragmentação, à dissolução, mesmo antes da conquista europeia, sendo exemplo histórico de processos de recusa ao Estado propostos por Pierre Clastres ([1974] 2017).

Talvez a lição mais importante trazida pela arqueologia amazônica nas últimas décadas tenha sido mostrar que não existe na região nenhuma barreira natural à ocupação humana, à inovação, à invenção. (...).

Faltou, no entanto, “combinar com os russos”. Os “russos”, nesse caso, são os povos antigos da Amazônia que fizeram artefatos de pedra lascada e depois pararam de produzi-los, inventaram a cerâmica e depois deixaram de fabricá-la, criaram solos férteis, como a terra preta, mas não tiravam dela todo o sustento, domesticaram plantas, mas em muitos casos não quiseram ser agricultores, vislumbraram a possibilidade do Estado, mas dela fugiram sempre que puderam. Na Amazônia central, ao longo dos séculos, a arqueologia mostra uma longa história de alternância entre formas de vida bastante distintas, mas nunca, necessariamente, em direção ao Estado, mesmo nos contextos de densidade demográfica maior.”

NEVES, Eduardo Góes. “O começo” e “A Amazônia sob o signo da incompletude”. In: *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 2022, p. 78, 188-189.